

Sartre's philosophy and human formation

Resumo:

Em que sentido a filosofia sartriana possibilita um projeto de formação humana? Para responder a essa pergunta, é necessário, compreender a noção de liberdade na filosofia de Sartre, seu fundamento ontológico e como se manifesta fenomenologicamente. O objetivo desta pesquisa é investigar a dimensão ética da formação humana, usando como argumento os conceitos da filosofia sartriana da existência, liberdade e engajamento. Uma vez definido os termos conceituais sartrianos, desenvolveremos uma análise crítica dos paradoxos encontrados no ensino de filosofia e sua transversalidade na contemporaneidade, a fim de instigar reflexões sobre a sua prática docente e sua ação de compreensão do mundo. Dessa forma, buscamos evidenciar como a filosofia existencial sartriana pode apresentar argumentos que estimulem uma prática pedagógica contextualizada na liberdade, capaz de envolver os estudantes, incentivando-os a assumir a construção do seu próprio projeto original e autêntico como parte de um processo na realização de projetos coletivos de engajamento humano.

Palavras-chave: Sartre. Existência. Liberdade. Engajamento. Educação..

ABSTRACT

In what sense does Sartre's philosophy enable a project of human formation? To answer this question, it is necessary to understand the notion of freedom in Sartre's philosophy, its ontological foundation and how it manifests itself phenomenologically. The objective of this research is to investigate the ethical dimension of human formation, using as an argument the concepts of Sartre's philosophy of existence, freedom and engagement. Having defined Sartre's conceptual terms, we will develop a critical analysis of the paradoxes found in the teaching of philosophy and its transversality in contemporary times, in order to instigate reflections on his teaching practice and his action in understanding the world. In this way, we seek to highlight how Sartre's existential philosophy can present arguments that encourage a pedagogical practice contextualized in freedom, capable of involving students, encouraging them to take on the construction of their own original and authentic project as part of a process of realization collective human engagement projects.

Keywords: Sartre. Existence. Freedom. Engagement. Education.

1. Bacharel em Filosofia - Universidade Estadual do Ceará / UECE. Mestranda em Filosofia / Bolsista CAPES - Universidade Estadual do Ceará / UECE. Membro do Grupo de Estudos Sartre (UECE) desde 2010, que pesquisa a filosofia contemporânea, com ênfase nos filósofos existencialistas franceses: Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, integra o GT de Filosofia Francesa vinculado à ANPOF desde 2017. Membro do Grupo de Pesquisa Sartrianos <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhorh/0046551093> (UERJ). Professora Supervisora da disciplina de Estágio supervisionado da Universidade Estadual do Ceará desde 2017 e membro do Fórum de Professores e Supervisores de Estágio em Filosofia da UECE.

Olá a todas e todos,

Me chamo Rita Bittencourt, sou bacharela em filosofia pela Universidade Estadual do Ceará e Mestranda CAPES pela mesma universidade.

Nesse podcast, pretendo pensar, abrir o diálogo sobre a liberdade no pensamento do filósofo francês Jean-Paul Sartre e a sua filosofia existencialista como argumento para a formação humana.

É importante esclarecer que este é um exercício de estudo, uma investigação filosófica que se fundamenta na tese sartriana do POSSÍVEL NO PROVÁVEL, onde o possível se realiza como projeto original do ser; enquanto o provável se manifesta como mundo, esse lugar onde a facticidade acontece exigindo que o ser escolha suas ações em situação.

Nesse contexto, é essencial delinear e compreender os principais elementos da filosofia sartriana, baseados na existência, liberdade e no engajamento do indivíduo no mundo. É importante salientar que frequentemente nos deparamos com simplificações que recortam e reduzem a complexidade do seu pensamento contextualizado.

A intenção desse estudo é estimular argumentos favoráveis que possam promover uma outra perspectiva metodológica na formação humana, situando as relações intersubjetivas na facticidade na qual possam ser vividas em autenticidade, a partir do projeto original de si mesmo e através de escolhas responsáveis e engajadas no mundo.

Diante dessa ideia, surgem algumas inquietações...

Poderia a filosofia de sartriana, que enfatiza uma radical defesa da liberdade do sujeito, ser aplicada como fundamento para uma teoria da educação? Considerando que para Sartre, o conflito é a única realidade possível das relações... como equacionar a questão da alteridade de sua obra e a interface com uma educação humanitária na contemporaneidade?

Como adjetivar a educação para outras perspectivas de olhares, se a escola ainda persiste na produção seriada de indivíduos habilitados para operar um sistema utilitarista de funcionamento do mundo? Como libertar dos algoritmos as relações humanas de generosidade e engajamento coletivo?

O propósito de dialogar com outras experiências e diversas objeções à Sartre, neste caso, se mostra um desafio. É necessário, portanto, compreender a noção de liberdade no contexto da filosofia sartriana, o seu fundamento ontológico e como essa ideia de liberdade situada se manifesta fenomenologicamente contextualizada no mundo. É o que Sartre denomina *o ser-no-mundo*.

Partindo desse pressuposto, o passo seguinte é analisar os paradoxos encontrados no ensino, nas coisas práticas e diárias do chão da escola, mais especificamente, na formação filosófica escolar:

- ✓ **O que é** uma formação humana na atualidade?
- ✓ **Por que** a escola não consegue ressignificar suas estruturas tradicionais e progredir contextualizada em realidade?
- ✓ **Para quem** interessa instigar reflexões sobre a prática docente e a sua capacidade de compreender e transformar o mundo?

Somente a partir desses questionamentos, é possível aprofundar o diálogo sobre como a filosofia existencial sartriana pode apresentar argumentos que estimulem uma prática pedagógica contextualizada em liberdade, capaz de envolver os estudantes e os docentes na comunidade escolar, incentivando-os a assumir a construção do seu próprio projeto original e autêntico como parte de um processo na realização de projetos coletivos de engajamento humano.

Assim, faremos um exercício teórico e, quem sabe, estimular espaços para que as ideias aqui discutidas, encontrem um terreno fértil para o seu cultivo.

1. AS OBJEÇÕES À SARTRE

Sartre apresenta uma contribuição muito modesta à educação, com relações mais articuladas com os conceitos da fenomenologia e do existencialismo. Sendo mais notável a pesquisa por seus estudiosos, que buscam na compreensão de seus conceitos, argumentos pertinentes, que ampliam o debate acerca da ética e da formação humana.

De um lado, encontramos os pesquisadores que tomam a filosofia de Sartre como base para uma teoria educacional. Do outro lado, críticos argumentam que a visão de Sartre sobre as relações humanas é marcadamente antagonista e restrita.

Com o propósito de esclarecer objeções e aprofundar o diálogo em torno do conceito sartreano de liberdade, é fundamental ter em mente que a premissa existencialista, na qual os indivíduos são responsáveis por seus próprios projetos, é frequentemente defendida por especialistas em educação como um elemento fundamental na composição da formação humana. Na abordagem da psicologia existencialista, o aspecto psicológico é um projeto em constante construção. Não há, portanto, um estado *a priori* e a formação do indivíduo ocorre através de suas escolhas e ações contextualizadas em realidade.

Nessa abordagem, a filosofia de Sartre representa um desafio significativo para a teoria educacional. A ideia de compreender a singularidade de cada pessoa através de uma reflexão que considera as interações entre os indivíduos, a coletividade e a história não só requerem uma ampliação das discussões éticas, mas também influencia diretamente o processo de desenvolvimento humano e educacional.

2. SARTRE E A FENOMENOLOGIA DO OLHAR NAS RELAÇÕES HUMANAS...

. No momento em que a subjetividade e a intersubjetividade convergem na esfera do projeto existencial, cada indivíduo, com seus projetos e escolhas, se depara com a presença do outro. O sujeito é percebido como objeto pelo olhar do outro, e apenas recupera sua qualidade de sujeito quando, por sua vez, transforma o outro em objeto. Uma vez que ambos representam projetos existenciais distintos e considerando que a presença do outro se coloca como um desafio à realização da liberdade individual, a dinâmica que se estabelece como relação humana é a do conflito

Nesse sentido, os críticos de Sartre questionam a viabilidade da busca por uma unidade de objetivos em seu pensamento filosófico. Eles argumentam que o constante estado de conflito presente na perspectiva sartreana pode impedir a definição de critérios objetivos ou positivos de aprendizagem em uma abordagem pedagógica.

Silvio Gallo, no texto: Subjetividade e educação: a construção do sujeito, discorre sobre a temática da subjetividade vinculada à educação e concorda com o filósofo francês, que a subjetividade se dá como

construção intersubjetiva e que necessariamente é conflituosa.

Cito: "entendo a estrutura da subjetividade como fundamentalmente a estrutura da consciência pela fenomenologia existencial de Jean Paul Sartre. A subjetividade e a consciência são duas realidades justapostas, complementares e simultâneas: a descoberta da consciência dá-se através do reconhecimento da subjetividade - eu sou - e a subjetividade só tem sentido enquanto fenômeno consciente - eu me reconheço como eu mesmo"

No livro *O Ser e o Nada*, Sartre escreve: "então, o que é o outro? Em primeiro lugar, o outro é o ser ao qual não volto minha atenção. É aquele que me vê e que ainda não vejo; aquele que me entrega o que sou como não-revelado, mas sem revelar-se a si mesmo; aquele que me está presente enquanto me visa e não enquanto é visado".

Logo, o outro é sempre aquele pelo qual não temos o controle. É aquele pelo qual o mundo o emerge como um todo organizado de sentidos e significações, que não são nossos, mas se mostram como verdade pela afirmação do outro. O olhar é um ato de escolha e dessa escolha podemos nos situar em relação ao mundo.

Isso significa dizer que o outro emerge em nosso horizonte como um inferno. E por conta desse olhar do outro e do sentido do mundo dessa outra existência, que o conflito é insuperável. A maneira de como nós nos situamos ao vemos as coisas é afetada sempre pelo que sabemos ou acreditamos de fato, a exemplo disso, podemos mencionar que na idade média, quando o homem acreditava na existência física do inferno, o fogo significava algo muito diferente do que conhecemos hoje.

Por isso, é o ato de ver que estabelece nosso lugar em relação ao que é visto e quais as inferências que são usadas por mim para reconhecer o que vejo. Explicamos esse mundo através da linguagem, mas as palavras nunca darão conta do que percebo quando olho o mundo. Não apenas olhamos as coisas, sempre nos colocamos em relação a elas, ao escolher em que posição iremos olhar, estamos estabelecendo uma relação entre o que é visto e eu, um em-si para o Para-si.

Compreender que o homem é em-si e os seus movimentos, caracterizam de certa forma, a ideia proposta por Sartre, quando afirma que a subjetividade é o movimento inacabado de totalização e retotalização que se modifica na realidade e se projeta de acordo

com as respostas, no ato de posicionamento do sujeito perante a realidade.

3. EXISTENCIALISMO E A EDUCAÇÃO NO CHÃO DA ESCOLA...

Inserido no contexto pedagógico em que a intersubjetividade desempenha um papel fundamental, o ato de olhar adquire um papel de destaque na relação entre educador e educando, influenciando de maneira significativa a formação da subjetividade de todos os participantes no processo educativo.

Nesse contexto, é pertinente afirmar que a escola, enquanto instituição educacional formal, se manifesta como um observatório no exercício de olhar e ser olhado.

E o que acontece diariamente com as crianças no espaço de formação? Os adultos mostram para elas a verdade e o significado do mundo. Independente dos outros sentidos que possam ser construídos pela liberdade inquietante da criança, o outro descentraliza o seu sentido do mundo e regulam o seu olhar sobre ele.

Dessa forma, é pelo olhar dos adultos que cada coisa tem um nome correto, a fórmula correta e um jeito correto de fazer alguma coisa. Assim, o educar foi privado da liberdade criadora, que reinventa o sentido e as significações diante das situações.

E ao introduzir uma centralização do mundo, o conflito não prospera em diálogo para a construção de um projeto humanamente engajado. A superação do conflito na filosofia sartreana é premissa para a constituição de uma ontologia existencial, onde o ser humano é produto de sua construção subjetiva enquanto vive em realidade.

4. CONCLUSÃO

O existencialismo, afirma que ser humano é ser liberdade, o que significa dizer que as possibilidades, tanto individuais como coletivas, estão sempre situadas. A filosofia sartreana nos fala sobre a liberdade, a autenticidade e de responsabilidade. E para ser autêntico e responsável por seus atos, torna-se indispensável a incômoda presença do outro.

Isso não significa um conflito incessante e sem propósito, mas sim a necessidade no exercício da liberdade de transcender tanto a subjetividade do ser quanto a objetividade que o outro atribui a sua própria subjetividade.

Na esfera da experiência educativa existencial, a objetivação da subjetividade que ocorre por meio do olhar do outro pode ser superada pelo ato de liberdade de construir-se a partir das escolhas situadas. O que o indivíduo se torna por meio de suas escolhas é um projeto autêntico e singular de si mesmo e não um mero resultado da educação.

Em outras palavras, a educação deve introduzir o mundo da cultura humana ao indivíduo, que então utilizará essa cultura como uma ferramenta para construir sua própria existência. Desse modo, a formação humana acontece quando o indivíduo transcende o papel passivo de receptor da cultura e transforma as interações intersubjetivas em projetos autênticos e comprometidos com a existência no mundo.

REFERÊNCIAS

BORNHEIM, G. Sartre. S. Paulo: ed. Perspectiva, 2005.

CONTAT, M. e RYBALKKA, M. Les Écrits de Sartre. Paris: ed. Gallimard, 1970.

COHEN-SOLAL, Annie. Sartre. Trad. Milton Persson. São Paulo: L&PM, 1986.

COX, G. Compreender Sartre. Tradução: Hélio Magri Filho. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

SARTRE, J. P. O ser e o nada – ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução: Paulo Perdigão. 6 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

SARTRE, J-P. Cahiers pour une morale. Paris: Gallimard, 1983.

SARTRE, J-P. Que é Literatura? São Paulo: Editora Ática, 1989.